

Gabriela Teixeira de Aguiar

**ENCONTROS POSSÍVEIS ENTRE UNIDADE DE
ACOLHIMENTO ADULTO E TERAPIA OCUPACIONAL: UM
ESPAÇO POTENCIAL PARA A PRODUÇÃO DE VIDA**

São Paulo, 2024

EPÍGRAFE

“O importante não é a casa onde moramos.

Mas onde, em nós, a casa mora.”

Avô Mariano - Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra (Mia Couto)

Este relato trará reflexões sobre a prática da Terapia Ocupacional na Unidade de Acolhimento Adulto (UAA) da Atenção Psicossocial do SUS. As UAAs são alternativas inovadoras frente às complexidades das demandas relacionadas à vulnerabilidade e sofrimentos atinentes ao uso prejudicial de substância. O serviço tem a redução de danos como princípio norteador, anti hegemonicamente contrapondo abordagens punitivistas e estigmatizantes, reconhecendo a complexidade das experiências relacionadas ao uso prejudicial de substâncias e buscando minimizar os danos associados, tanto físicos, quanto sociais.

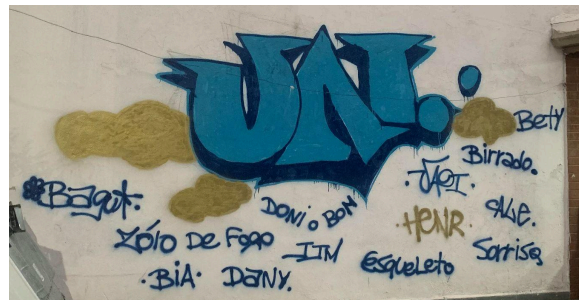
Ademais, o cuidado traçado em liberdade, em direção a cidadania, permeia toda a estrutura da unidade inserida na comunidade, permitindo um cuidado territorial, buscando ampliar a autonomia dos usuários, incentivando-os a participar ativamente de suas jornadas de cuidado e de vida. A UAA é um serviço residencial transitório que funciona como um anexo ao CAPSad, tendo assim um funcionamento de casa. O objetivo principal da UA é proporcionar aos sujeitos um espaço de acolhimento que vai além do meramente assistencial, mas que fomente um ambiente onde a singularidade de cada usuário é valorizada e respeitada (SÃO PAULO, 2021).

A partir da experiência inédita da autora enquanto Terapeuta Ocupacional que compõe a equipe técnica de uma UAA no território da Zona Norte de São Paulo (SP), algumas cenas da prática na Unidade de Acolhimento Adulto de 4 moradores do serviço, seguindo de uma articulação teórico-reflexiva sobre as práticas Terapêuticas Ocupacionais e a interligação das mesmas com o cuidado que esse serviço visa oferecer para seus usuários serão descritas.

MARCOS: *Marcos é um homem pardo de 36 anos que tinha ótimas habilidades com desenhos. Contou que já foi grafiteiro, mas deixou isso de lado pelas circunstâncias da vida. Dali uns dias, na busca do resgate e sentido desta atividade, dei um punhado de folhas de sulfite para ele e algumas canetas, para que ele experimentasse mais o desenho. De fato ele começou a produzir, e vinha me mostrar. Ficou algumas semanas desenhando e eu observando o processo. Desde o começo da percurso de Marcos na casa, percebia que o quarto dele era meio ‘vazio dele’, não havia um objeto ali que o representasse, que o transpusesse naquele espaço. Então, o convidei para colar os desenhos na parede, da forma que fizesse sentido para ele. Ele colou um ao lado do outro, próximos à cama dele. Observando, me deparei com um dos desenhos, um grafite escrito ‘UA I’, que é a sigla do serviço. Logo sugeri, entusiasmadamente, que ele grafitasse aquilo na parede da UA, e vi um brilho no olho dele, de lisonjeiro ao receber aquele convite. ‘Nem lembro qual foi a última vez que grafitei uma parede de verdade’, ele falou, e logo respondi ‘pois será logo!’.*

Sugeri, então, que ele fizesse opções de desenho para que pudéssemos levar à assembleia para a votação dos outros moradores, democratizando o processo de mudar algo na casa e ampliando o protagonismo dele na atividade. Combinamos que ele compraria os sprays. Ele estava com alguma dificuldade de administrar o salário que tinha no projeto de geração de trabalho e renda do território, e acabava gastando

muito rápido com o uso e algumas coisas para ele, então foram algumas semanas de contorno até que ele comprasse os sprays de tinta. Como nenhum processo é linear, especialmente na clínica do cuidado de pessoas que fazem uso prejudicial de álcool e outras drogas, dois dias antes da assembléia que seria a votação, Marcos entrou em fúria e passou a ficar demandante na casa, num dia em que estava só o plantão de Acompanhantes Comunitários. Então, começar a grafitar o desenho na parede foi usado como estratégia de manejo do mal estar. Alguns dias depois, Marcos pediu desculpas na assembléia, por não ter esperado para compartilhar o processo com os outros moradores, e solicitou a participação de todos para finalizar a arte com suas assinaturas, explicando como é preciso ter atitude para transformar uma simples assinatura na arte do grafite, chamando os outros moradores para perto. Foi surgindo, então, a vontade por procurar cursos e espaços que ele pudesse voltar a grafitar, vislumbrando objetivos para o PTS dele após saída da UA.



Fonte: arquivo da autora.

Nos primeiros dias de cada usuário na UA, valoriza-se uma minuciosa observação de como o morador está e utiliza aquele espaço, como se comporta e realiza todas as suas atividades individuais e coletivas. Na Terapia Ocupacional, chamamos isso de Análise da Atividade, que para Lima (2004), se trata de uma análise que possa contribuir para a construção de um *olhar* que ofereça acolhimento aos sujeitos em atividade, e também se deixar afetar por esses sujeitos e seus fazeres.

Este *olhar* não deve se limitar a ver o que é visível, mas se propor a interrogar aquilo que é olhado, penetrar e interferir em seus movimentos, criando sentido para aquilo sobre o qual está se debruçando, sendo um ato mais que perceptivo, mas também expressivo (LIMA, 2004; GIL, 1996). Este *olhar* penetrativo da Terapeuta Ocupacional que vai encontrando singularidades que contribuem para o processo de cuidado, buscando nas imagens mais cotidianas e comuns, aquilo que há de inusitado, de novo, de diferente e interessante. Ao olhar alguém realizar suas atividades, já estamos nos relacionando com aquele sujeito, e interferindo nesses fazeres, também

somos olhados, sendo esse um processo de interferência mútua (LIMA, 2004).

Coube a terapeuta ocupacional, acompanhar e contornar o processo do resgate de uma atividade que Marcos trazia de sua história, o grafite enquanto atividade característica de expressão das periferias, que já havia trazido um espaço de identificação para ele, sendo retomada no período que estava na casa. Quarentei (2007), ao trazer os diversos modos de compreender Atividade Humana pela Terapia Ocupacional, traz uma nova compreensão, a de Atividade Construtora, cujo valor está em construir e re-construir sujeitos e sua ação no mundo, a qual se torna um território existencial para o sujeito, ou seja, não mais a atividade o ocupa, mas ele ocupa as atividades, sendo elas, então, matérias de vida, acontecimentos sempre plenos de sentido do sujeito que as realiza.

Marcos poderia só ficar desenhando no seu tempo de tédio e ócio, porém, o papel da terapeuta ocupacional foi ajudá-lo a não ocupar-se com aquela atividade, mas sim ocupá-la com toda a sua subjetividade e singularidade, e transbordá-la para os espaços onde habita, seu quarto, a parede da casa, e onde mais ele quiser. Sua 'atitude' em transformar escritos em arte, e a possibilidade de construir pontes com seus colegas a partir de sua cultura e conhecimentos, conectando a atividade, o individual e o coletivo, e criando, então, um território existencial, produzindo vida, a transposição de si no próprio cotidiano, participação social e protagonismo, deu espaço para a criação de projetos de vida (QUARENTEI, 2007; KARAGUILLA, 2013).

MARCELO: *Senhor Marcelo, um homem negro de 64 anos, entrou na casa e chamou a atenção da equipe pela dualidade da sua forma de estar naquele espaço. Quando ele ficava sem o uso de álcool, e se abstinha por vários dias, era muito gentil e dócil com todos, adorava fazer as atividades da casa, principalmente no sentido de fazer para o coletivo, como cozinhar uma refeição gostosa, que é o que ele mais gostava. No entanto, quando seu Marcelo estava alcoolizado, sempre era intenso e voltava para casa extremamente violento, xingando muito cada um que tentasse se aproximar, sendo o manejo para a equipe bastante difícil e demorado. Fomos problematizando e pontuando as violências e as implicações que eram causadas na casa quando ele estava intoxicado, e fazendo uma interligação com a história de Marcelo, que era viúvo, e tinha uma filha adotiva a qual ele amava muito, mas não via há anos. Ele perdeu o contato com ela, o esposo e filhos (netos dele) após alguns episódios de violência em que estava intoxicado. Certo dia, ele chegou bastante intoxicado na casa; estava irado por não ser possível a entrada dele naquele momento de acordo com as regras de convivência da UA, que balançou o portão com tanta força, a ponto de quebrar duas grades dele.*

Posteriormente, em atendimento de referência, estávamos construindo maneiras de responsabilização e reparação, ao invés de puni-lo de alguma forma. Estávamos associando os danos entre o uso de álcool e os danos na trajetória de Marcelo. Relembramos que isso ocasionou, inclusive, um rompimento de relação com sua filha e netos, e como para pensar na reconstrução daquela relação, haveria de ter uma reparação dos danos causados. Interligando com a situação atual, aproveitando que ele adorava regar as plantas da UA, sugeri que ele comprasse novas sementes para

plantar e iniciar um cuidado na horta, como forma de reparação com aquele coletivo. Ele comprou todos os materiais de jardinagem necessários para cuidar da horta, e a construção desta atividade foi compartilhada com os Acompanhantes Comunitários da casa para garantir a nutrição e continuidade do processo. Novas sementes foram plantadas na UA e na vida, de forma concreta, simbólica e processual. A partir disso, Marcelo passou por um processo de maior escuta à suas referências e possibilitou construções mais fluidas de estratégias de redução de danos e manejo nos momentos de intoxicação intensa.

Dia desses, após algum tempo cuidando da horta na UA, estávamos no território, no ônibus, partindo com o coletivo das UAs para o que seria a primeira visita de Marcelo ao museu. Dali do seu banco, avistou uma antiga conhecida do território entrando e iniciou uma conversa. Avaliei uma situação propícia para ajudá-lo a perguntar sobre sua filha, enquanto possibilidade de reconstrução do vínculo a partir de outras relações que ele já tinha no território. A moça sabia para onde ela tinha se mudado e disse que buscaria o telefone dela. No final do dia, Marcelo disse que a visita ao museu tinha sido uma ótima experiência, mas que a melhor parte do dia foi ter se deparado com a possibilidade de reencontrar sua filha. Ele segue aguardando o telefonema de sua conhecida e construindo, antes de sua saída da UA, novas formas de estar e se relacionar com o outro, de modo que frente às dificuldades e, por vezes, machucar o outro, haja possibilidade de reparação e reconstrução, ao invés de rompimento.



Fonte: arquivo da autora.

Apresentando a Terapia Ocupacional como Produção de Vida, Quarenteiri (2001) traz a vida como um continuum incessante de atividades. A Produção de Vida é entendida como produção de modos de estar no mundo, maneiras de existir e da própria fabricação de mundos. Esse continuum não é linear; apesar de trazer consigo trajetos, é atravessado por bifurcações, simultaneidades, interrupções e confusões.

Portanto, estamos o tempo todo em atividades, no plural, pois são múltiplas e entrelaçadas, são matéria de vida, e sempre plenas de sentido (Quarentei, 2001).

Quando Terapeutas Ocupacionais propõem ou agenciam processos do fazer uma atividade, a partir deles, como o relatado acima, há a procura com o sujeito de novas formas de ser, estar e agir no mundo, se atentando para o fato de que uma atividade articula infinitas linhas, algumas que re-enviam a história do sujeito, outras de diferenciação e invenção, e, acima de tudo, uma atividade se dá a partir da ação de um corpo no qual todas essas linhas estão articuladas (LIMA, 2004).

Portanto, a Terapia Ocupacional como Produção de Vida vai instituindo processos de experimentação de um sujeito que irão constituir novas ações no mundo, buscando ou mediando atividades e conexões que componham encontros cujos efeitos sejam a tomada de consciência e apropriação da sua potência no mundo, do seu posicionamento nas atividades e relações das experiências, e o engendramento de novos começos e formas de viver durante esse processo (Quarentei, 2001).

Desta forma, mediante a análise do percurso de Marcelo, as atividades se conectavam o tempo todo. Diz-se que o uso prejudicial de álcool resultou em uma vivência de rua e rompimento dos vínculos familiares. Na UA, foi possível ressignificar o espaço de casa a partir do cuidar da casa e cozinhar para o coletivo. Durante esse percurso, revelaram-se alguns nós de sua vida, e episódios que precisaram de uma reparação. A atividade da jardinagem, então, foi construída, exigindo envolvimento financeiro e afetivo, agenciando, em conjunto com a ambiência na casa, uma série de ressignificações, abertura para a construção de estratégias de redução de danos, e que precedeu, depois de todo esse processo, um encontro com uma conhecida durante uma vivência no território, que poderia possibilitar o início da reconstrução do seu vínculo com a filha e familiares.

A Terapia Ocupacional buscou restaurar ou instaurar vivências de processualidade, auxiliando, assim, no processo de compreensão de padrões de vivências que precisavam ser integradas e ressignificadas na experiência de vida dele, possibilitando a introdução de novas referências e de uma nova processualidade, que apontam para novas construções (CASTRO et al, 2001)

A partir desse processo, então, diante da mediação de algumas atividades, e proposição de outras, construiu-se com ele, essa nova forma de ser, estar e fazer, o que constituiu uma nova ação no mundo, auxiliando a costurar os sentidos nas diferentes atividades, favorecendo o surgimento de resgate de vínculos, afetos, reparações e reconstruções na vida. Vislumbres para a continuidade do PTS que perpassou pela casa, a partir de sementes concretas e subjetivas que lá foram plantadas.

MÁRCIO: *Márcio é um homem negro de 40 anos que vinha há alguns anos na rua. Tinha vaga fixa em CTA¹, e chegou na UA com sua presença já se destacando. Muito crítico, gostava de estudar sobre luta antimanicomial e política de drogas, e já começa dizendo do seu desejo de escrever um artigo no período que ficaria na UA.*

¹ Centro Temporário de Acolhida: Serviço da assistência social, destinado a pessoas em situação de rua que necessitam de um acolhimento pontual.

Na aproximação com o usuário, busquei chamar essa atividade de escrever para perto, visto que dizia como estudar sobre as políticas de saúde mental tocava sua história, que já tinha passado pelas violentas Comunidades Terapêuticas e abordagens policiais no seu longo percurso de uso prejudicial de substância, principalmente Crack, inclusive nas grandes cenas de uso do centro de São Paulo, por muitos anos.

Márcio falava muito bem, tinha um discurso organizado, de liderança política.. No CAPS, já ia ganhando fama por saber muito e ter uma voz potente no levante de discussões políticas. Porém, na intensa clínica do cotidiano da UA, se revelam, como um espelho que reflete, os nós que cada usuário tem na vida. A intensidade permite com que o morador se descasque por inteiro, mesmo sem querer. As várias cenas que acontecem em casa, não acontecem no CAPS, fazendo com que a equipe do CAPS custe a acreditar ser verdade, pois 'no CAPS ele não é assim'. Márcio demonstrava algumas dificuldades nas relações com a equipe da UA e alguns moradores. Construir pontes entre o ponto de vista dele e o do outro, e dar acesso para a maioria da equipe se aproximar, parecia um tipo de 'barreira'.

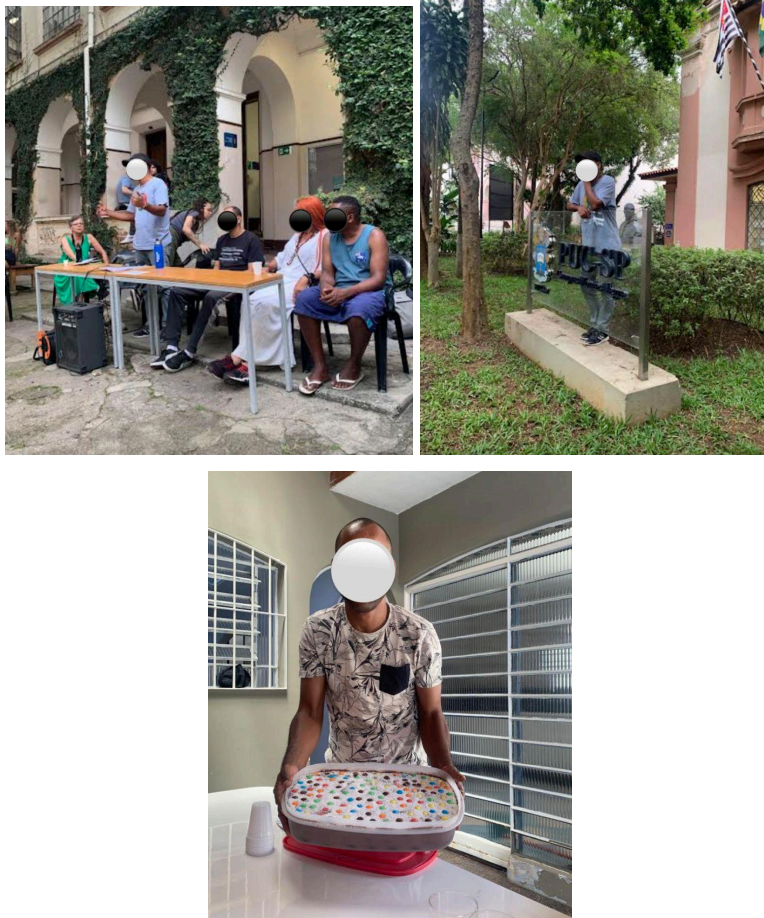
Retomei a proposta de escrever artigo que ele tanto falava, e poucas semanas depois ele me chamou para transcrevê-lo no computador do CAPS, aos finais de semana. Ele conseguiu perceber como as atividades instauradas naquele processo se conectavam com sua história; as conversas entrelaçadas com a escrita permitiram espaços de reflexão importantes. Um trecho da música que havíamos escutado outro dia cozinhando, ocuparia o lugar de epígrafe no seu artigo sobre a questão manicomial no Brasil. Trabalhamos alguns finais de semana, e quando terminamos, Márcio não se demorou em levar o artigo para as assembleias, fóruns, células e todos os espaços de discussão política, afinal, a intenção dele era democratizar mais esse conhecimento entre os usuários. Na casa, uma grande melancolia tomava conta dele, uma saudade do pai, o qual ele tinha relações rompidas, o uso se intensificava. Dizia ele que escrever e levar seu artigo para outros lugares lhe fez perceber como era parecido com seu pai, que o ensinou a gostar de política, e que o amava demais. Além do pai, Márcio tinha relações rompidas com grande parte da família, ou então, que passavam por altos e baixos. Essa dinâmica era repetida com as pessoas que circulavam pela UA.

Logo Márcio começou a escrever outro artigo, um que contava mais sobre sua história e vivências de rua. Conversávamos sobre esse processo e como ele foi identificando que a barreira relacional vinha dos solitários anos de rua, de muitos riscos e violências a se proteger. Conseguiu, inclusive, falar sobre isso na assembleia da casa, sobre as reflexões que estava tendo em relação a isso, pedindo desculpas pelos momentos de hostilidade.

No tempo de estadia na UA, acompanhei Márcio no desenvolvimento de novos papéis a ocupar a partir do processo de estudos e escrita: palestrante e escritor. Vi o título do seu artigo ocupar a bandeira que estampou uma sacola de tecido de brinde de uma conferência de política de drogas que fomos, vi ele dando uma aula aberta para curso de psicologia da PUC, a convite dos estagiários da UA e do CAPS, vi ele divulgar seu artigo e falar das suas vivências de vida em diversos espaços. Ao finalizar seu

período na UA, o resgate de projetos de vida: fazer supletivo e trabalhar com carteira assinada.

No seu último dia, Márcio nos fez um pavê que prometia desde a sua entrada na casa, e fez um discurso lindo e emocionante: ‘eu agradeço por tudo o que vocês fizeram por mim, por me ajudarem a sustentar a minha permanência aqui até o fim, mesmo diante das dificuldades. Essa é a primeira vez que vivo um ciclo com final cuidadoso, sem rompimento. Me ensinaram que nem sempre preciso usar minha ‘carapaça’ de proteção, me mostraram outra forma de me relacionar, algo que levarei para a minha trajetória daqui para frente’. Ali, vi os frutos da condução que fui, em conjunto com a equipe, tentando fazer desde o começo, a partir da escrita, conexões com a história e apropriação de novos papéis na vida.



Fonte: arquivo da autora.

Como nos trouxe Castro et al (2001, p. 49), na Terapia Ocupacional, a atividade vai possibilitando ao sujeito “ser reconhecido e se reconhecer por outros fazeres”; permitindo conhecer a história de vida do sujeito, sendo construído um resgate biográfico, uma narrativa no campo das atividades, onde se descobrem potencialidades, interesses e habilidades, que vão delineando novos caminhos possíveis.

Márcio, ao longo do seu processo de experimentação, foi reconhecido e foi se reconhecendo como escritor e palestrante, foi escrevendo e reescrevendo sua história,

resgatando sua trajetória e entendendo o lugar da potência e da vulnerabilidade. Com a apropriação desses papéis, pôde experimentar o reconhecimento da sua fala, da sua escrita, ser ouvido, ocupar novos lugares, novos espaços, novas posições, ensinar as construções de uma longa caminhada enquanto usuário de diversos serviços de saúde mental, podendo contribuir para as construções políticas e cotidianas de cuidado a partir desse lugar. Também experimentou o encontro com partes difíceis da sua história, que muitas vezes ele procurava não olhar, mas que estavam ali expostas na sua obra.

A Terapia Ocupacional facilita o tecer cotidiano e elucida as conexões entre as atividades. No caso do Márcio, ensinar e o que era uma epígrafe, ajudar na escolha da música, propiciar o desencadear de memórias da infância, de quando ouvia Cazusa com o pai, e aprendia sobre política; foi colocando de forma concreta a complexidade e intensidade da sua história e construindo a possibilidade de novos caminhos.

Na Unidade de Acolhimento, com todos os momentos prazerosos e difíceis que fazem parte da experiência de uma exposição que o dia a dia e convivência propiciam, Márcio pode experimentar, como trouxe Castro et al (2001), um cotidiano potencializado e vivificado. No desencadear dos encontros, novos vínculos e conhecimentos se constelaram, a história pessoal foi contada processualmente, e no acompanhamento e escuta, foi possível mapear as necessidades e possibilidades que estabeleceram um conjunto de práticas centradas nos fazeres dele, realizadas individualmente e em grupos e coletivos, se estendendo de dentro da casa, para fora (CASTRO et al, 2001).

O Terapeuta Ocupacional, enquanto facilitador desse processo, vai fornecendo a ligação entre o conhecimento, possibilidades e ação. “Ritmos, intensidades, habilidades, condensação de informações e vivências, imagens e emoções, entre outros conteúdos” podem ser trabalhados nesse processo (CASTRO et al, 2001, p.51).

A atividade de escrita que permeou todo o processo de acolhimento na UA, no incentivo dela enquanto processo criativo e produção de subjetividades, foi sendo possível o resgate da história e a criação de novas histórias. Se constituindo, assim, um território existencial para Márcio, que pode se entender enquanto fazedor, ou melhor, escritor da própria história, da história do mundo, das políticas, dos cuidados, dos espaços e dos projetos (QUARENTEI, 2001).

Desta forma, produziu-se vida na cotidianidade da UA, que enquanto serviço substitutivo familiar, facilitou a permanência e sustentação do vínculo, mesmo em todas tentativas de rompimento. Foi possível elucidar a não linearidade e intensidade do conviver, o encerramento cuidadoso de ciclos, apontando um lugar onde Márcio poderia mostrar suas vulnerabilidades, mas com contorno, apoiado pela equipe nos momentos mais difíceis, até o fim da estadia planejada com afeto e com vislumbres de novos caminhos.

ROBERTA: *Roberta é uma mulher negra de 45 anos que chega na casa após muitos anos de vivência de rua e uso prejudicial de Crack, principalmente. Com questões clínicas importantes, era necessário ampliar o cuidado em saúde, e também sua ‘noção de casa’ após anos na rua. Apresentava dificuldades em arcar com*

compromissos e horários, a manter um quarto arrumado e até com lixo no local adequado ao invés do chão e guarda roupa. Mal conseguia ficar dentro da casa, ficava muito mais fora do que dentro, com bastante fissura todos os dias. Colocava-se em risco, tinha dias em que chegava com muitas dores, contava de situações violentas que vivenciou na rua. Questionamos, nos atendimentos de referência, qual era o sentido dela permanecer em uma casa que tem uma equipe de cuidado, a qual ela mal ficava. Ela devolveu que a casa estava fazendo muito sentido para ela, que há muito tempo ela não tinha um lugar para voltar, onde se sentia protegida e amparada, e que gostaria muito de ficar mais, mas às vezes não conseguia pelas situações sedutoras da vivência de rua que levavam ao uso de substância. Diante disso, foi detectada a necessidade de trazê-la para perto, a partir de propostas de fazer-junto, visando a ampliação do vínculo que poderia facilitar a abertura para novos movimentos propostos, de sustentar os combinados, as atividades na casa e os cuidados consigo. As solicitações se transformaram em convites para fazer algo juntas.

Arrumamos o quarto dela, e durante a atividade ela foi dizendo como ter alguém ali era importante para ela, caso contrário, provavelmente ela não estaria fazendo aquilo. A conversa possibilitou uma investigação dos fazeres que eram prazerosos, para além do uso de substância, e revelaram-se os momentos que ela fazia bolos e tortas no período da tarde no cuidado com os filhos. Nos dias seguintes, começamos a ofertar, então, a confecção de um bolo. Ela transformou um bolo simples de massa pronta, com algumas alterações na receita, num bolo delicioso e molhadinho, que foi devorado antes do dia seguinte chegar. Pensamos até em estruturar a venda do bolo no território.

Aos poucos ela foi se sentindo mais confortável em ficar em casa, montamos a árvore de natal juntas, ela foi se apropriando mais daquele espaço, e assumindo alguns compromissos com as atividades de cuidado com a casa, cuidados em saúde, e solicitar mais a equipe para o cuidado. Foi dando, aos poucos, lugar em seu cotidiano para outras atividades para além do fissurado movimento da rua e o uso prejudicial de substância. Até no sair de casa, se achegou nos passeios que nós da UA fizemos juntos, o ir e voltar com aquele coletivo que planejou uma saída junto, apreciação de outros espaços na cidade, o estar em casa, em família, que se expande para fora da casa.

Fomos juntas fazer seu RG, e durante a espera no poupa-tempo, ela foi projetando verbalmente como aquilo traria de novo um lugar para ela, depois muito tempo sem um documento de identidade. Foi entendendo como aquilo facilitaria pensarmos objetivos futuros do PTS, e começamos a listar alguns deles, como o resgate do seu benefício, arrumar um emprego, etc.

O processo de sustentação foi se alongando ao longo das semanas, com altos e baixos. Compreendemos a importância da baixa exigência, de se abrir para o processo lento de ressignificações junto com ela, cuidando de toda uma trajetória de vida e um modo de ser e estar previamente construído. A sustentação conjunta no caminho de assumir novos movimentos na casa e na vida.



Fonte: arquivo da autora.

Saraceno (2001), falando do eixo Morar da Reabilitação Psicossocial, vai dizendo da ampliação da “noção de casa”, que é um dos objetivos da Unidade de Acolhimento também. Ele descreve como um complexo de experiências concretas de aquisições e reaprendizagens do uso daquele espaço, sendo, necessário a existência de uma casa presente. Nesse contexto, ele diz sobre uma substituição dos manicômios, e como algo necessário para isso, entre outros eixos, são casas substitutivas, para os que estavam “morando” nos manicômios, pudessem agora habitar de fato, uma casa para morar e ter poder contratual sobre aquele espaço.

Aqui, apesar dos contextos parecidos de exclusão e marginalização, existem vivências outras ligadas ao uso prejudicial de substância. Roberta, sendo uma mulher negra e periférica, que há anos experimentava uma intensa vivência de rua, agora dizia de um dos principais sentidos que a casa tinha para ela: um lugar para voltar. Foi necessário uma sensibilidade a toda convivência com Roberta e a análise de suas atividades desde que entrou na casa, ao que a contornava e contextualizava, nos espaços os quais ela se movia e às complexidades que determinavam as formas de vida que iam se desenrolando ou se aprisionando (CASTRO et al, 2001; LIMA, 2004).

A vivência de rua vai convidando para o lugar da fissura, onde tudo acontece muito rápido, onde, especialmente para uma mulher negra, facilita vulnerabilidades e violências, chamando para um movimento de estar sempre em alerta, o qual a fissura vai se retroalimentando, na busca de prazer no meio ao caos. Já a casa, vai convidando para outros movimentos que contrapõe a fissura, os quais alguém que passou por uma vivência tão intensa como essa, pode ser difícil de aderir ou sustentar no começo.

Novos movimentos foram processualmente introduzidos no fazer-junto, construindo sentido no Morar e Habitar, no poder voltar, se alimentar, descansar e

ficar para cuidar de si e daquele espaço, se conectar com aquele coletivo que mora ali. Por exemplo, deparar-se com o que aconteceu na rua, com os sofrimentos que a atravessam, com as violências sofridas, e ao invés de voltar imediatamente para o movimento da fissura, poder cuidar de si, se acolher, refletir sobre movimentos que podem ser repetitivos e destrutivos, e experimentar novos movimentos que podem ser produzidos no ambiente de casa, que levam transbordamentos para a vida.

Processos que geram uma reapropriação de si, da identidade subjetiva, no resgate de fazeres, e concreta, no resgate dos documentos O encontro ou reencontro com atividades que produzem a construção processual de novos projetos. Como trouxe Castro et al (2001), cuidar a partir das atividades, ações e fazeres não se trata de construir modelos, receitas e indicações de atividades, mas sim de construir com cada usuário, em conjunto com ele, uma trajetória singular, um projeto de vida, uma forma de sair das malhas aprisionantes de vivências relegadas a espaços muito restritos e estreitos, e a partir disso, se deparar com outros vislumbres. Podendo afirmar, assim como fez Quarentei (2007), a Terapia Ocupacional como recriação da vida, não do lugar da onipotência, mas do lugar da simplicidade e da alegria de acolher esse continuum de refazer-se e traduzir-se em atividades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho evidenciou-se a Unidade de Acolhimento como um serviço substitutivo familiar, que traz proteção, cuidado, coletivo, identidade, acolhimento, produção de singularidades e subjetividades como parte do intenso cuidado cotidiano e convivência da casa. Também foi trazido à luz, como a Terapia Ocupacional potencializa todo esse processo, enquanto especialidade que contribui para a gestão e intensidade das relações que se dão no cotidiano de uma residência transitória e mediação dos processos do acontecer das atividades humanas de cada usuário e da coletividade como um todo, no profundo processo de ressignificação da “noção de casa” que a UA se propõe, e todas as transformações que surgem a partir disso.

Dessa forma, como elucidada Castro et al (2001), estas profissionais buscam produzir um trabalho para a organização coletiva na estruturação dos direitos e construção da cidadania dos usuários, nos momentos de atenção individualizada e coletiva, potencializando a comunicação, a troca e a participação dos sujeitos no mundo. Em construções processuais, vai trazendo em seu fazer profissional a produção de vida, enxergando as atividades humanas como territórios existenciais, no sentido de acontecimentos, lugares, tempo e contexto onde existimos, onde criamos, onde nos deslocamos, contamos histórias, desenvolvemos os diferentes modos de viver, sentir, saber, culturas, sendo territórios como chão e materialidade de vidas singulares e coletivas em movimento contínuo de recriação (QUARENTEI, 2007).

Essa construção feita em um serviço residencial de acolhimento transitório é muito potente e contribui para que os usuários, durante e após a passagem pela UA e as transformações e ressignificações geradas durante o processo, possam conceber outros trânsitos e movimentos na rotina de uma casa coletiva, com o suporte para que

essas concepções transbordem, na possibilidade de saírem dali produzindo outras relações consigo, na comunidade, com as atividades significativas da sua vida, com a família e rede de suporte e com o território.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA ALM, CUNHA MC. Unidade de Acolhimento Adulto: um olhar sobre o serviço residencial transitório para usuários de álcool e outras drogas. **Saúde Debate**. v. 45, n. 128, p. 105-117. 2021.

ALMEIDA ALM. Cuidado no território aos usuários de álcool e outras drogas: estudo de caso exploratório de uma Unidade de Acolhimento Adulto, um serviço residencial transitório. Dissertação (mestrado) – **Fundação Oswaldo Cruz**. 2019.

AMARANTE P. Saúde Mental e Atenção Psicossocial. Rio de Janeiro: **Editora Fiocruz**. 2007.

BARDI G. A questão das drogas e a Terapia Ocupacional: Uma reflexão a partir de premissas Marxistas. **Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.** 2022.

BRASIL, Ministério da Saúde. Portaria 121, de 25 de janeiro de 2012: Institui a Unidade de Acolhimento para pessoas com necessidades decorrentes do uso de Crack, Álcool e Outras Drogas (Unidade de Acolhimento), no componente de atenção residencial de caráter transitório da Rede de Atenção Psicossocial. 2012.

BRASIL, Ministério da Saúde. Portaria 3.088, de 23 de dezembro de 2011. Republicada em 21 de maio de 2013: Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). 2013a.

BRASIL, Ministério da Saúde. Portaria 336, de 19 de fevereiro de 2002: Estabelece os Centros de Atenção Psicossocial. 2002a.

BRASIL, Ministério da Saúde. Portaria 816, de 30 de abril de 2002: Institui o Programa Nacional de Atenção Comunitária Integrada a Usuários de Álcool e Outras Drogas. 2002b.

BRASIL, Ministério da Saúde. Rede humaniza SUS. Cadernos de Atenção Básica n. 34 Saúde Mental. Disponível em: <http://redehumanizasus.net/66051-voce-conhece-os-cadernos-de-atencao-basica/>, 2013b.

BRASIL, Presidência da República. Lei 10.216: Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. 2001.

CASTRO ED, LIMA EMFA, BRUNELLO MIBB. Atividade humanas e Terapia Ocupacional. In: DE CARLO MMRP, BARTALOTTI CC. Terapia Ocupacional no Brasil:

Fundamentos e perspectivas. São Paulo: **Plexus**. 2001.

Conselho Federal de Psicologia - CFP. Relatório da Inspeção Nacional em Comunidades Terapêuticas. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/06/Relatorio-da-inspecao-nacional-em-comunidades-terapeuticas_web.pdf. 2018.

COSTA-ROSA A, LUZIO CA, YASUI S. Atenção psicossocial: rumo a um novo paradigma na saúde mental coletiva. In: AMARANTE P. Archivos de saúde mental e atenção psicossocial. Rio de Janeiro: **Nau**. 2003.

FEJES MAN, FERIGATO SH, MARCOLINO TQ. Saúde e cotidiano de mulheres em uso abusivo de álcool e outras drogas: uma questão para a Terapia Ocupacional. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**. v.27, n.3, p. 254-262. 2016.

GALHEIGO SM. O cotidiano na terapia ocupacional: cultura, subjetividade e contexto histórico-social. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**. v.14, n.3, p. 104-109. 2003.

GIL J. A imagem-nua e as pequenas percepções - estética e metafenomenologia. Lisboa: **Relógio d'água**. 1996.

GUATARRI F, ROLNIK S. Micropolítica: cartografias do desejo. ed. 6. Petrópolis: **Vozes**. 2000.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA. Nota Técnica – Número 21: Perfil das Comunidades Terapêuticas. 2017.

KARAGUILLA M. A Terapia Ocupacional como facilitadora da experiência criativa. In: KARAGUILLA M. Tratamento do dependente químico na Terapia Ocupacional - O acesso à experiência criativa. São Paulo: **Zagodoni**. 2013.

LEÃO A, SALLES MM. Cotidiano, reabilitação psicossocial e território: reflexões no campo da terapia ocupacional. In: MATSUKURA TS, SALLES MM. Cotidiano, atividade humana e ocupação - Perspectivas da terapia ocupacional no campo da saúde mental. São Carlos: **EDUFSCar**. 2020.

LIMA EMFA. A análise de atividade e a construção do olhar do terapeuta ocupacional. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**. v.15, n.2, p.42-48. 2004.

LIMA EMFA. Uma perspectiva ético-política para as atividades em terapia ocupacional. In: SILVA CR. Atividades humanas e Terapia Ocupacional. São Paulo: **Hucitec**. 2019.

LUDKE M, CRUZ GBDA. Contribuições ao debate sobre a pesquisa do professor de educação básica. **Rev. Bras. de Pesquisa sobre Formação de Professores**. v.2, n.3, p. 86-107. 2010.

MUSSI RFF, FLORES FF, ALMEIDA CB. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis. Educ**. v.17, n. 48. 2021.

QUARENTEI MS. Do ocupar à criação de territórios existenciais. **X Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional**. v. 10. 2007.

QUARENTEI MS. Experimentar, criar... afirmar territórios, vidas... belezas. **1o Seminário Aberto do Coletivo de Estudos de Terapia Ocupacional e Produção de Vida**. 2006.

QUARENTEI MS. Terapia Ocupacional e Produção de Vida. **VII Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional**. 2001.

SÃO PAULO, Prefeitura Municipal de Saúde. Protocolo Saúde Mental - Unidade de Acolhimento (UA) - 1a Edição. Disponível em: [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/Protocolo%20Saude%20Mental%20Unidade%20de%20Acolhimento%20\(UA\).pdf](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/Protocolo%20Saude%20Mental%20Unidade%20de%20Acolhimento%20(UA).pdf). 2021.

SARACENO B. A Reabilitação como Cidadania. In: Saraceno B. Libertando Identidades: Da reabilitação psicossocial à cidadania possível. **Te Corá Editora**. 2001.

SILVA ACC, OLIVER FC. Participação social em terapia ocupacional: sobre o que estamos falando?. **Cad. Bras. Ter. Ocup**. v. 27, n.4, p. 858-872. 2019.

SILVA CR, SANTOS CN, NOGUEIRA JN, MALFITANO APS. Mapeamento da atuação do terapeuta ocupacional nos Centros de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPSad) do interior do estado de São Paulo. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**. v.23, n.2, p. 321-334. 2015.

SURJUS LTLS, NUNES DM, SOUZA JN, FREITAS BBDG, HORNICHE LH. Educação para o cuidado em liberdade: experiência formativa de terapeutas ocupacionais em redução de danos enquanto perspectiva ético-metodológica para um cuidado emancipatório a pessoas que usam drogas. In: CORDEIRO L, ALMEIDA DERG. A Extensão Universitária em Terapia Ocupacional: participação, transformação social e integração com ensino e pesquisa. Curitiba: **CRV**. 2022

SURJUS LTLS, PUPO JL, GUERRERO AVP, SCAFUTO JCB. Drogas e Direitos Humanos: Protagonismo, Educação entre pares e Redução de Danos. **Fundação Oswaldo Cruz - Ministério da Saúde**. 2018.

TENÓRIO F. A reforma psiquiátrica brasileira, da década de 1980 aos dias atuais: história e conceitos. **História, Ciências, Saúde**. v. 9, n. 1, p. 25-59. 2002.

Universidade de São Paulo - USP. Folder do Curso de Terapia Ocupacional da FMUSP. São Paulo: **Centro de Docência e Pesquisa em Terapia Ocupacional do Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da FMUSP**.1997.

VIEIRA AG, SOARES CB, CORDEIRO L, CAMPOS CS. Inclusive and emancipatory approaches to occupational therapy practice in substance-use contexts. **Canadian Journal of Occupational Therapy**. 2018.